

**CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA  
A CINEMATECA COM O INDIELISBOA  
ISTO NÃO É UM DOCUMENTÁRIO  
– RETROSPECTIVA MOCKUMENTARY  
4 e 8 de Maio de 2026**

**BEST IN SHOW / 2000  
(Donos de Estimação)**

*Um filme de Christopher Guest*

Realização: Christopher Guest / Argumento: Christopher Guest e Eugene Levy / Direcção de Fotografia: Roberto Schaefer / Direcção Artística: Joseph T. Garrity e Gary Myers / Música: CJ Vanston / Som: Hamilton Sterling / Montagem: Robert Leighton / Interpretação: Eugene Levy (Gerry Fleck), Catherine O'Hara (Cookie Fleck), Parker Posey (Meg Swan), Michael Hitchcock (Hamilton Swan), Christopher Guest (Harlan Pepper), Michael McKean (Stefan Vanderhoof), John Michael Higgins (Scott Donlan), Jennifer Coolidge (Sherri Ann Cabot), Jane Lynch (Christy Cummings), Ed Begley Jr (gerente do hotel), Fred Willard (Buck Laughlin), Bob Balaban (Dr. Theodore Millbank), etc.

Produção: Castle Rock, para a Warner Brothers / Produtora: Karen Murphy / Cópia digital, colorida, falada em inglês com legendagem electrónica em português / Duração: 90 minutos / Inédito comercialmente (em sala) em Portugal, editado em vídeo com o título **Donos de Estimação**.

\*\*\*

Se é de “mockumentary”, “mocumentários”, que se fala, Christopher Guest tem que vir à baila, porque essa é sua especialidade. Como realizador, este peculiar aristocrata anglo-americano (é o Barão Haden-Guest) que também é o Sr. Jamie Lee Curtis desde 1984, fez da simulação documental um modo de vida e ajudou a transformá-la num subgénero mais ou menos canónico (encontramo-lo, por exemplo, entre os argumentistas de **This is Spinal Tap**, de Rob Reiner, um marco do género ou subgénero).

Um filme como **Best in Show** mostra bem como o registo de simulação documental se ajustou muito, com o passar dos anos, à televisão, e a todas aquelas séries (pensamos em **The Office**, quer o original britânico quer a versão norte-americana) que macaqueiam os procedimentos das reportagens televisivas e se alimentam dos seus estereótipos. Ao contrário, por exemplo, de **Real Life** de Albert Brooks (uma obra-prima), que ainda tinha o cinema como referente a “mocumentar”, tem-se a sensação, perante **Best in Show**, que a variação cómica aqui se faz sobre a televisão e sobre as formas televisivas de narrar o mundo. Não há, aliás, nem na organização narrativa do filme nem na sua mise en scène, nenhuma tentativa de emulação da *imagem* documental; o que há, isso sim, é a inserção de estratégias que rápida e instintivamente reconhecemos como vindas das reportagens televisivas, as dos “especiais de informação” e etc, principalmente os momentos em que as personagens são entrevistadas, em planos frontais de olhos nos olhos com a câmara, narrando as suas impressões e recordações sobre os momentos evocados na narrativa. Tirasse-se esses segmentos a **Best in Show** e ninguém falaria em “mockumentary”, porque o que se passa para além deles está imune à paródia auto-reflexiva sobre os procedimentos documentais, televisivos ou outros, e tudo se desenrola como uma ficção sem preocupação referencial.

Nada contra, embora certos truques do “realismo intensificado” já pareçam um bocadinho cansativos, e de tanto se insistir neles tornaram-se um cliché – exemplo: os enquadramentos vacilantes, o quadro sempre a oscilar, numa simulação da urgência da reportagem e de uma câmara que finge que está a tentar acompanhar o passo da realidade. Por aí, nada há de novo em **Best in Show**, e bem pelo contrário, muito do que tem envelheceu bastante depressa.

Mas se esquecermos isso, se não lhe procurarmos a “reflexão sobre o médium”, fica uma comédia minimamente decente, uma boa caricatura de uma América, ou de uma cultura popular americana, que foi injectada pela estética e pela ética dos “reality shows” televisivos, e que não tem um horizonte muito mais vasto do que o que lhe dá a ressonância – nesse sentido, quase autofágica – garantida pela própria televisão. Aqui, é a cultura dos concursos, e da competitividade desmesurada *a propos of nothing*, como diria Woody Allen. Esteve bem o editor videográfico português que baptizou o filme de *Donos de Estimação*, tirando o foco dos cãesinhos (todos adoráveis) para os humanos, que são, obviamente, o fulcro de **Best in Show**, numa galeria de “tipos” que forma também um eco dos muitos “tipos” que, noutros filmes, serviram para caracterizar esta América feia, simplória, de ambições e desejos reduzidíssimos. Pensamos em parentes próximos para Best in Show, e por norma resultando em filmes bastante melhores: o **Little Miss Sunshine** de Jonathan Dayton e Valerie Faris, que também evocava a obsessão pelos concursos, ou o universo de Todd Solondz, olhar habitualmente possuidor de uma frieza cínica muito mais severa e desapiedada sobre um estrato socio-cultural não muito distinto do que é mostrado no filme de Christopher Guest.

Luís Miguel Oliveira